

ENSAIO SOBRE A APOROFOBIA E A IMPLICAÇÃO NO PROCESSO DEMOCRÁTICO BRASILEIRO

Denise Antunes¹

Resumo: Este ensaio trata do ódio ao pobre diante da percepção de que tal sentimento restou notório quando parte da população brasileira demonstrou mais fortemente, nesta última década, ódio a um determinado partido de esquerda brasileiro. O ódio político disfarçado, pois sob o argumento de que a repulsa seria contra corrupção, muitos brasileiros deixaram vir à tona a perversão existente no rechaço à pobreza. Transpareceu de forma mais intensa a discriminação da classe social existente desde sempre. Analisando o arcabouço histórico brasileiro, não se olvidando os acontecimentos do nosso passado colonialista, escravagista e as implicações das diferenças nas classes sociais, constatou-se também as características da classe média brasileira atual, dentro deste contexto do obscurantismo vivenciado, período conservador e reacionário que assola inclusive o mundo. Por ser esse fenômeno perverso tido como ‘ódio ao pobre’, questão que afronta a democracia, alguns comentários serão feitos sobre a preocupação de estudiosos acerca do tema, não se olvidando que a dimensão do ódio ao ser humano, passa a ser uma séria ameaça à democracia. Ainda pelo quadro atual movido pela ideologia de extrema direita e pela economia neoliberal, reconhecer-se-á que a “fábrica do ódio” é uma das molas que impulsiona a onda fascista que tomou conta de certa parcela da sociedade brasileira. Preocupação brasileira e inclusive mundial hodierna quanto ao tema é certa, tanto que a filósofa espanhola Adela Cortina trouxe à tona o fator “ódio ao pobre”, o chamando de

¹ Juíza de Direito TJPR aposentada em 2020. Conciliadora do CEJUSC do TJPR. Advogada. Professora da Escola de Magistratura do Paraná (EMAP).

aporofobia, esclarecendo que “*dar nomes às realidades sociais perversas, é fundamental para acabar com elas*”.

Palavras-Chave: aporofobia; democracia; ódio ao pobre; ódio político.

Abstract: This essay deals with the hatred of the poor in the face of the perception that this feeling became notorious when part of the Brazilian population showed more strongly, in this last decade, hatred towards a certain Brazilian left-wing party. The political hatred in disguise, because under the argument that the repulsion would be against corruption, many Brazilians let the perversion existing in the rejection of poverty come to light. The discrimination of the social class that has always existed has become more intense. Analyzing the Brazilian historical framework, not forgetting the events of our colonialist and slavery past and the implications of differences in social classes, it was also found the characteristics of the current Brazilian middle class, within this context of the obscurantism experienced, a conservative and reactionary period that even overwhelms the world. As this perverse phenomenon is seen as 'hatred of the poor', an issue that affronts democracy, some comments will be made about the concern of scholars on the subject, not forgetting that the dimension of hatred towards human beings becomes a serious threat to democracy. Still in the current situation driven by the extreme right ideology and the neoliberal economy, it will be recognized that the “hate factory” is one of the springs that drives the fascist wave that took over a certain part of Brazilian society. Brazilian and even global concern today regarding the subject is certain, so much so that the Spanish philosopher Adela Cortina brought up the factor “hatred of the poor”, calling it *aporophobia*, clarifying that “*naming perverse social realities is fundamental to finish them off*”.

Keywords: aporophobia; democracy; hatred of the poor; political hatred.

INTRODUÇÃO



o final de 2018 e início de 2019, participando do Curso de “*Fundamentos Críticos: Los Derechos Humanos como procesos de lucha por la dignidade*”, realizado pela Universidad Pablo de Olavide, em Sevilha, Espanha, deparei-me com a nova conceituação dada pela professora espanhola, Adela Cortina, para o fenômeno tido como o “ódio ao pobre”: aporofobia.

A importância da nomenclatura é tão essencial quanto ao contexto todo pragmático que envolve essa patologia social, pois o “discurso ao ódio” (*hate speech*), segundo Adela Cortina, é tão antigo quanto a humanidade. A preocupação vai além das atitudes cotidianas de rejeição ao mais vulnerável, pois o discurso de ódio traz implicações desfavoráveis à democracia.

Vivemos em tempos que os crimes de ódio (do inglês *hate crime* e chamados de crimes motivados pelo preconceito), são temas de teses jurídicas em face de delitos dessa estirpe serem cometidos quando o criminoso seleciona intencionalmente a sua vítima em função de esta pertencer a um certo grupo. Ou seja, são motivados pelo ódio em face da raça, etnia, orientação sexual, gênero ou identidade de gênero, religião, deficiência física ou mental.

Como em todos os lugares do mundo, atitudes macabras e perversas cometidas contra as minorias são noticiadas de tempos em tempos, numa constante periódica, sendo que se todos os dias houver a procura de episódios de ódio, todos os dias serão encontrados uma forma ignóbil de rechaço ao pobre, senão algo que envolva violência física.

Em maio de 2022, o padre Júlio Renato Lancellotti, divulgou na internet vídeo que mostra um segurança da Paróquia

Santíssima Trindade, no bairro da Campina, em Belém, agredindo uma pessoa em situação de rua, o agressor espanca a vítima com socos, chutes e empurrões². Aliás, o padre é da paróquia de São Miguel Arcanjo no bairro da Mooca, na cidade de São Paulo, tem quase que diariamente publicado em seu Instagram, vários episódios que se percebe a aporofobia do brasileiro. Em 2021, Padre Júlio foi um dos vencedores do *Prêmio Zilda Arns pela Defesa e Promoção dos Direitos da Pessoa Idosa*, da Câmara de Deputados, reconhecido pelo seu trabalho em benefício da população em situação de rua. O padre tem divulgado o termo “aporofobia” no nosso país.

Vivemos sempre sob notícias impactantes ocorridas no cenário brasileiro e nunca esquecidas.

Jovens atearam fogo a um índio³ em Brasília em 1997, quem sabe por que havia uma certa lembrança, ainda em seus inconscientes, que em 23 de julho de 1993, policiais à paisana atiraram contra mais de 40 meninos de rua que dormiam nas escadarias da igreja da Candelária no Rio de Janeiro, com oito mortes, e muitos feridos⁴. Esse último episódio ficou conhecido mundialmente como a Chacina da Candelária.

² Vide site da Globo G1, Disponível em: <https://g1.globo.com/pa/para/noticia/2022/05/09/video-homem-em-situacao-de-rua-e-agredido-por-seguranca-de-paroquia-em-belem.ghtml>.

³ Cinco rapazes de Brasília resolvem "dar um susto" e atacam líder pataxó (Galdino). Cinco rapazes ateiam fogo a um índio que dormia sob a cobertura de um ponto de ônibus em Brasília. Galdino Jesus dos Santos, de 44 anos, teve 95% do corpo queimado e morreu no dia seguinte. Os agressores, entre eles um menor de idade, disseram que queriam “dar um susto” em quem eles pensavam ser um mendigo. *In*: <http://memorialdademocracia.com.br/card/com-fogo-jovens-matam-indio-galdino>.

⁴ Chacina da Candelária: o massacre de meninos de rua. Na madrugada de 23 de julho de 1993, policiais à paisana mataram oito crianças e feriram dezenas em frente à igreja da Candelária, no Centro do Rio de Janeiro. As investigações revelaram que o massacre foi uma ação de represália dos policiais após um episódio de vandalismo por parte de alguns meninos de rua que estavam em frente à igreja na tarde anterior ao massacre. Na ocasião, meninos jogaram uma pedra em um carro da polícia, quebrando o vidro e ferindo levemente um dos policiais militares, depois que um deles foi detido. *In*: <http://opiniaoenoticia.com.br/brasil/chacina-da-candelaria-o-massacre-de-meninos-de-rua/>.

Polêmica em São Paulo em 2011 quando resolveram construir uma estação do metrô em região nobre da capital, no bairro de Higienópolis, pois os moradores comentaram que a presença de pessoas *diferenciadas* no bairro colocaria em risco a segurança e tranquilidade local⁵. Em 2017, no mês de julho e uma das noites mais frias do ano, a reportagem da rádio CBN noticiou que pessoas que dormiam na Praça da Sé (moradores de rua) foram acordadas com jatos d'água, às 7h da manhã. Em limpeza na 'Cracolândia', em março de 2018, a TV Globo mostrou quando um morador de rua foi alvo de jato d'água (por pelo

⁵ Sobre o metrô, vide: O CARCARÁ. *Metrô de Higienópolis - Pessoas diferenciadas*. Da Agência Brasil. 14/5/2011, Disponível em: <https://www.ocarcara.com/2011/05/metro-de-higienopolis-peopleas.html>. Acesso em dez./2018. Sobre a segunda parte, no site pessoal do teólogo, filósofo, escritor e professor Leonardo Boff, matéria sobre a intolerância publicada em 22 de janeiro de 2015, consta que: “*O que se mostrou na última campanha eleitoral foi o “cordial-passional” tanto como ódio de classe (desprezo do pobre) como o de discriminação racial (nordestino e negro). Ser pobre, negro e nordestino implicava uma pecha negativa e Esse ódio de classe se deriva do arquétipo daí o desejo absurdo de alguns de dividir o Brasil entre o Sul “rico” e o Nordeste “pobre”. ‘Casa Grande e Senzala’ introjetada em altos setores sociais, bem expresso por uma madame rica de Salvador: “os pobres não contentes com receber a bolsa família, querem ainda ter direitos”. Isso supõe a ideia de que se um dia foram escravos, deveriam continuar a fazer tudo de graça, como se não tivesse havido a abolição da escravatura. Os homoafetivos e outros da LGBT são hostilizados até nos debates oficiais entre os candidatos, revelando uma intolerância “intolerável”. (...) O risco permanente é a intolerância. Ela reduz a realidade, pois assume apenas um polo e nega o outro. Coage a todos a assumir o seu polo e a anula o outro, como o faz de forma criminoso o Estado Islâmico e a Al Qaeda. O fundamentalismo e o dogmatismo tornam absoluta a sua verdade. Assim eles se condenam à intolerância e passam a não reconhecer e a respeitar a verdade do outro. O primeiro que fazem é suprimir a liberdade de opinião, o pluralismo e impor o pensamento único. Os atentados como o de Paris (Charles Hebbo) têm por base esta intolerância. (...) A tolerância é antes de mais nada uma exigência ética. Ela representa o direito que cada pessoa possui de ser aquilo que é e de continuar a sê-lo. Esse direito foi expresso universalmente na regra de ouro “Não faças ao outro o que não queres que te façam a ti”. Ou formulado positivamente: ‘Faça ao outro o que queres que te façam a ti’. Esse preceito é óbvio. O núcleo de verdade contido na tolerância, no fundo, se resume nisso: cada pessoa tem direito de viver e de conviver no planeta Terra. Ela goza do direito de estar aqui com sua diferença específica em termos de visões de mundo, de crenças e de ideologias. (...)”.* In: *A intolerância no Brasil atual e no mundo*.

menos 15 segundos) pelo agente do caminhão do serviço de limpeza rotineira da Prefeitura de São Paulo⁶. Infelizmente, esses são apenas alguns dos exemplos que podemos colher sobre episódios ocorridos no Brasil.

Crimes, agressividades e ações provindas tanto de cidadãos, quanto do poder público. A vítima é uma só, o pobre. Os motivos (nunca longe da subjetividade), contam com a perversão, ódio, sempre arraigados à alma humana ainda que transvestidos de motivos culturais, econômicos, políticos, ou em prol da comunidade.

A percepção do rechaço ao pobre é uma constante na sociedade brasileira, na forma como retratam as notícias diárias, e ainda como a classe média e a elite (classes dominantes), na última década, deixaram transparecer esse ódio todo no que tomou o nome de *antipetismo* e da corrupção, contudo, tal fator, além de ser falso, visa impedir medidas sociais e distributivas que ameçam os privilégios de classe. Sob o argumento da defesa de valores como o patriotismo, a família, a religião, e os bons costumes; uma grande parcela da sociedade brasileira elegeu um *inimigo* para mostrar ao mundo seu ódio, sem qualquer tipo de vergonha, e para isso reconheceram no partido popular a ‘ameaça’ a esses valores que dizem estar em perigo. Duvidoso que esse ódio (ou repulsa) seja, de fato, para preservar algum valor eticamente reconhecido e defendido, mormente porque o ódio se volta justamente contra o partido popular e não contra outros partidos brasileiros que estavam e estão envolvidos desde sempre no contexto da corrupção.

Estudiosos, como historiadores, sociólogos, filósofos, e professores em geral, já perceberam o entrelaçamento entre o ódio aos pobres e o ódio na política e, darão um norte no desenvolvimento deste artigo. O aspecto financeiro, os privilégios, o

⁶ Jato d’água em morador de rua. Notícias disponíveis em: https://odia.ig.com.br/_conteudo/brasil/2017-07-19/jato-dagua-acorda-morador-de-rua-em-sp.html e <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2018/03/morador-de-rua-e-alvo-de-jato-dagua-em-limpeza-da-prefeitura-na-cracolandia.shtml>.

poder, são fatores mais levados em consideração pelas pessoas, e não só das pessoas pertencentes ao grupo hegemônico. Outros valores então enaltecidos são usados como um manto a encobrir outras intenções. A avaliação adentrará, portanto, em várias searas, ainda que sucintamente, em face da natureza do trabalho a ser apresentado.

Por outro enfoque, a importância do tema é ratificada, à medida que o ódio ao pobre afronta os preceitos mais básicos dos Direitos Humanos (e, pois, da democracia). Atente-se que o discurso de ódio afronta os princípios constitucionais referentes a igualdade e dignidade humanas, além de não condizentes com os ideais democráticos. E, tal ódio pode ser transferido para partidos eleitorais que representam os pobres, trazendo consequências na esfera democrática, como se verá.

1 CLASSE MÉDIA, O NEGRO E O POBRE BRASILEIRO

No ano de 2018, o professor Jessé Souza em entrevista acerca de seu livro “A elite do atraso” afirmou que a doença do Brasil é o ódio de classe⁷. Não se intimidou em deixar bastante claro que o Brasil é um país doente, patologicamente doente pelo ódio de classe, e que nossa sociedade nunca assumiu a autocrítica de que somos filhos da escravidão, com todas as doenças que a escravidão traz: a desigualdade, a humilhação, o prazer sádico na humilhação diante dos mais frágeis, o esquecimento e o abandono da maior parte da população. Conclui: “*esse é o grande problema brasileiro*”.

A origem da pobreza no Brasil são percebidas na nossa história e, como é intuitivo, a colonização e a escravidão são fatores que propiciaram o surgimento da miséria no Brasil. E mais, o fim da escravidão e o início do êxodo rural contribuíram mais ainda no quadro da pobreza.

⁷ ISTOÉ. Edição 17/8/2018, nº 2539. Disponível em: <https://istoe.com.br/a-doenca-do-brasil-e-o-odio-de-classe/>.

Historicamente, o antropólogo Darcy RIBEIRO (2015) narrou sobre o preconceito de classe social existente no Brasil, afirmando estar relacionado ao poder aquisitivo (acesso à renda, posição social, escolaridade, padrão de vida). Afirma o professor que “*apesar da associação da pobreza com a negritude, as diferenças profundas que separam e opõem os brasileiros em extratos flagrantemente contrastantes são de natureza social*” (p. 215). Presente está então o preconceito de classe: “*...mais do que preconceitos de raça ou de cor, têm os brasileiros arraigado preconceitos de classe*”. As enormes distâncias sociais que mediam entre pobres e remediados, não apenas em função de suas posses mas também pelo seu grau de integração no estilo dos grupos privilegiados – como analfabetos ou letrados, como detentores de um saber vulgar transmitido oralmente ou de um saber moderno, como herdeiros da tradição folclórica ou do patrimônio cultural erudito, como descendentes de famílias bem situadas ou de origem humilde – *opõe pobres e ricos muito mais do que negros e brancos*” (Ibidem, p. 216). O referido ódio aos pobres se percebe facilmente dentro de uma cultura, na qual “*as elites dirigentes, primeiros lusitanos, depois luso-brasileiras e, afinal, brasileiras, viveram sempre e vivem ainda sob o pânico do alçamento das classes oprimidas*”.

O brasileiro pobre sempre viveu à margem do restante da sociedade urbana, pois havia uma política de não integração da massa amestiçada no processo de cidadania. E tal quadro não se modifica, alertando RIBEIRO que “*a chave para a explicação da abismal desigualdade de classes no Brasil residia numa palavra: exploração. A histórica: da metrópole sobre a colônia; e a social: a do senhor sobre o escravo e, após a abolição, da elite sobre o povo em geral*”.

Jessé SOUZA (2013)⁸, já referido acima, na condição de

⁸ Jessé Souza possui primoroso estudo sobre a elite e classe média brasileira, tendo obras de importância ímpar: “A tolice da inteligência brasileira – ou como o país se deixa manipular pela elite”, “A classe média no espelho”, “A elite do atraso”, e a mais recente, “Como o racismo criou o Brasil” (2021), a qual trata do racismo no comando

sociólogo, ratifica essa exploração e oposição constante ao pobre, mas antes dá conta da situação caótica do negro (mais pobre ainda em sua situação de escravo), e calcado no estudo de Florestan Fernandes acerca da obra *A revolução burguesa no Brasil (implantação e consolidação do capitalismo no Brasil)*, explica a lógica da não possibilidade de crescimento do negro e as implicações desse nefasto quadro na vida daqueles que estavam sendo colocados em ‘liberdade’ (1880 a 1960): diante do abandono do liberto à própria sorte (ou azar), pois os antigos senhores, o Estado, a Igreja jamais se interessaram pelo destino do liberto. Este, logo após a Abolição, se viu responsável por si e seus familiares sem que dispusesse dos meios materiais ou morais para sobreviver numa nascente economia competitiva de tipo capitalista e burguês.

Narra o seguinte:

Ao negro, fora do contexto tradicional, restava o deslocamento social na nova ordem. Ele não apresentava os pressupostos sociais e psicossociais que são os motivos últimos do sucesso no meio ambiente concorrencial. Faltava-lhe vontade de se ocupar com as funções consideradas degradantes (que lhe lembravam do passado) – obstáculo que os imigrantes italianos, por exemplo, não tinham –, não era suficientemente industrializado nem poupador, e, acima de tudo, faltava-lhe o aguilhão da ânsia pela riqueza. Nesse contexto, acrescentando-se a isso o abandono dos libertos pelos antigos donos e pela sociedade como um todo, estava, de certo modo, prefigurado o destino da marginalidade social e da pobreza econômica. (...) o imigrante europeu eliminava a concorrência do negro onde quer que ela se impusesse. Ao negro, sem a oportunidade de classificação social burguesa ou proletária, restava os interstícios e as franjas marginais do sistema como forma de preservar a dignidade de homem livre: o mergulho na escória proletária, no ócio dissimulado, ou ainda na vagabundagem sistemática e na criminalidade fortuita ou permanente. Este é o quadro que permite compreender o drama social da adaptação do liberto às novas condições. (...) Na realidade, a pauperização, acarretada pela

*inadaptação social, e a anomia, causada pela organização familiar disfuncional, condicionam-se mutuamente. A submersão nas lavouras de subsistência e a concentração nas então nascentes 'favelas' das cidades seriam, para Florestan, antes que fuga da realidade, uma espécie de 'desespero mudo'. (...)*⁹ (SOUZA, 2013, p. 122-132).

A partir do quadro apresentado, de desorganização da vida em todas as suas dimensões (não possibilidade de avanço) e a continuidade do empobrecimento dos negros, foi uma consequência inevitável. Houve marginalização sempre constante. Mas não se tratava somente do racismo, e sim da condição social (de classe) que aquela situação indicava.

Vale dizer, tais constatações sugerem que, desde priscas eras, para além do preconceito racial tão presente no Brasil (racismo estrutural), há outro que está vinculado na posição social dos cidadãos, conforme sua condição econômica, qual seja, preconceito e ódio contra o pobre. Discriminação contra o negro, racismo, mas também havia sim desprezo contra os menos favorecidos.

Outras fontes que apontam ao aqui mencionado, sendo que Leonardo BOFF¹⁰ (2015), em mais de um uma oportunidade

⁹ Na continuidade, Jessé Souza ainda citando Florestan Fernandes, narra a difícil condição do negro na sociedade brasileira: (...) *O conteúdo irracional dessas escolhas – já que para ele não era passividade ou indiferença o que estava na raiz do comportamento do negro, mas escolha, ainda que uma escolha desesperada, sem dúvida, uma espécie de protesto mudo e inarticulado na própria autocondenação ao ostracismo, à dependência e à autodestruição – era claro para Florestan. (...) A vida familiar desorganizada, aliada à pobreza, era responsável por um tipo de individuação ultraegoísta e predatória. Esse tipo de organização da personalidade, sobejamente demonstrada nas entrevistas elencadas no livro, produto da desorganização familiar, reflete, no egoísmo e na instrumentalização do outro, seja a mulher ou o mais jovem e indefeso, uma situação de sobrevivência tão agreste que mina, por dentro, qualquer vínculo de solidariedade, desde o mais básico na família até o comunitário e associativo mais geral*” (Op. Cit., p. 130-132).

¹⁰ BOFF, Leonardo. In: *O que se esconde atrás do ódio ao PT?* Site Carta Maior. 05/3/2015. <https://www.cartamaior.com.br/?/Coluna/O-que-se-esconde-atras-do-odio-ao-PT-/33000>.

Mais sobre o assunto: ... o clássico “Conciliação e reforma no Brasil” de José Honório Rodrigues (1965 p. 23-111) narra, como a dominação de classe no Brasil, desde

aborda a situação do povo brasileiro e comenta sobre os relatos do historiador José Honório Rodrigues que, em seu clássico *Conciliação e Reforma no Brasil* (1965), diz o seguinte:

“Os liberais no império, derrotados nas urnas e afastados do poder, foram se tornando além de indignados, intolerantes; construíram uma concepção conspiratória da história que considerava indispensável a intervenção do ódio, da intriga, da impiedade, do ressentimento, da intolerância, da intransigência, da indignação para o sucesso inesperado e imprevisto de suas forças minoritárias. A maioria foi sempre alienada, antinacional e não contemporânea; nunca se reconciliou com o povo; negou seus direitos, arrasou suas vidas e logo que o viu crescer lhe negou, pouco a pouco, a aprovação, conspirou para colocá-lo de novo na periferia, no lugar que continua achando que lhe pertence” (p. 11-15).

BOFF (2015) complementa que esses grupos prolongam as velhas elites que da Colônia até hoje nunca mudaram seu *ethos* (caráter moral), e frisa que hoje as elites econômicas abominam o povo. Ainda o teólogo, Leonardo BOFF (2018) na obra *“Brasil: concluir a refundação ou prolongar a dependência?”*, nos alerta que a colonização e a escravidão criaram estruturas mentais que estão submersas em nossas instituições e no imaginário, especialmente das classes dominantes, herdeiras da *‘casa grande’*, e que essas classes opulentas, sempre triunfaram de costas para o povo (mesmo na República e na democracia

Mende de Sá até os tempos modernos, foi extremamente violenta e sanguinária, com muitos fuzilamentos e enforcamentos e até de guerras oficiais de extermínio dirigidas contra tribos indígenas como contra os botocudos em 1808. (...) As minorias ricas e dominantes elaboraram uma estratégia de conciliação entre si, por cima da cabeça do povo e contra o povo, para manter a dominação. O estratagema sempre foi mesmo. Como escreveu Marcel Bursztyn (O país das alianças: as elites e o continuísmo no Brasil, 1990): “o jogo nunca mudou; apenas embaralharam-se diferentemente as cartas do mesmo e único baralho.” Foi a partir da política colonial e continuada até recentemente que se lançaram as bases estruturais da exclusão no Brasil, como foi mostrado por grandes historiadores, especialmente por Simon Schwartzman com o seu “Bases do autoritarismo brasileiro” (1982) e Darcy Ribeiro com seu grandioso “O povo Brasileiro” (1995). (...) In: O que se esconde por trás do ódio ao PT (II)? Site pessoal de Leonardo Boff. Matéria de 07/03/2015. Disponível em: <https://leonardoboff.wordpress.com/>.

posterior); para um povo que não havia nenhum projeto de humanização e integração. Consta na obra em apreço que historiadores mostram que sempre que as classes populares erguiam a cabeça e conseguiam algum avanço, ocorria um golpe, com medo que os direitos chegassem a prevalecer sobre os privilégios históricos.

Discriminação permanente de um povo miserável, que na origem já vivia na desgraça, e sem condições nenhuma de crescimento durante o decorrer do tempo diante das circunstâncias econômicas, sociais, e culturais, dando conta aqui da atuação nefasta da classe média, classe dominante, da burguesia, nesse processo de constante degradação dos mais pobres.

A classe média (ou melhor dizendo, parte considerável dela), repudia o pobre, e sem conhecimento sobre qualquer assunto afeto a condição humana (ignorância generalizada), cai na armadilha do discurso reacionário e perverso.

Sempre questionável o fator humanização do brasileiro, em face das condutas tomadas contra os negros à época da escravidão. Qual era a verdadeira índole (ou *ethos*) da burguesia brasileira escravagista? Ora, foram 300 anos de escravidão, e tal constatação, fala por si só acerca dessa sociedade.

A falta de humanidade possui suas raízes históricas lembradas aqui Jessé Souza, Darci Ribeiro, e Leonardo BOFF¹¹ (2019) no sentido de que a escravidão *desumanizou* a todos, senhores e escravos. Comenta o teólogo que ambos viveram a escravidão numa permanente síndrome de medo, de revoltas, de envenenamentos, de assassinatos de patrões, de filhos, de assaltos a suas mulheres.

Quão tudo isso reflete atualmente na nossa cultura e sociedade, e deve ser levado em consideração para analisarmos o quadro aqui pretendido do rechaço ao pobre, e a percepção da elite e classe média egoístas e agressivas. E, mais ainda, sempre

¹¹ IN: *A discriminação dos afrodescendentes continua*. Publicada em 22/01/2019. Site <https://leonardoboff.wordpress.com/>

frisando que a situação dos negros nunca foi melhor, em nenhum sentido, sendo que a escravidão desumanizou as relações então mantidas, em prejuízo aos negros refletido até os dias atuais.

Sempre lembrando o nosso mestre Darcy RIBEIRO (2015), na obra prima *O povo brasileiro*, o qual narra a condição escrava¹² e enumera os motivos pelos quais ocorreu a dita desumanização dos negros, e Leonardo BOFF (2019) tão bem constata que a abolição dos escravos em 1888 não coincidiu com a ‘*abolição da mentalidade escravocrata*’, sendo que nas palavras do teólogo, tal mentalidade está “*presente na cultura dominante que continua mantendo centenas de trabalhadores com uma relação análoga ao dos escravos*”.

Perversão e ódio diante de nossos olhos na atualidade, sentimentos tidos por causa do racismo estrutural, e não se olvide do constatado no parágrafo acima apontando para mais uma certa constatação da aporofobia, pois a chamada escravidão contemporânea¹³ é constantemente denunciada com trabalhadores tratados como escravos e, o foram (e são), pois, pobres e totalmente vulneráveis.

Existente então inversão de valores ainda hodiernamente, com a constatação de escândalos como as condutas criminosas e escravocratas, nítida é a discriminação em nosso país (Brasil) por causa da classe social do cidadão, e vai além, posto que se pode constatar que a repulsa ao pobre vem sendo reconhecida como um fenômeno mundial.

2 AVANÇO DO PENSAMENTO CONSERVADOR E AÇÃO POLÍTICA DA EXTREMA-DIREITA NO MUNDO

¹² Vide p. 119-120.

¹³ *Trabalho escravo contemporâneo* (TEC) ou escravidão contemporânea é definido pela Lei 10.803 de 2003 como formas coercitivas de controle de pessoas para fins de exploração econômica com uso de violência, submissão a trabalhos forçados, jornadas exaustivas, condições degradantes e restrição de locomoção por dívidas. De acordo com a obra organizada pelo jornalista Leonardo Sakamoto (“*Escravidão Contemporânea*”), o sistema brasileiro de combate à escravidão contemporânea completou 25 anos em 2020. Nesse período, mais de 54 mil pessoas foram resgatadas.

O professor português Boaventura de Sousa SANTOS (2019)¹⁴, criador da hermenêutica diatópica¹⁵, nos alerta que a “*onda conservadora e reacionária que assola o mundo é totalmente oposta à filosofia que presidiu à elaboração da Declaração Universal e constitui uma ameaça séria à democracia*”.

Segundo SANTOS (2019), existem duas disciplinas que (atualmente) impõe as regras, e são elas: econômica e ideológica¹⁶ (respectivamente, neoliberalismo e avanço da extrema-direita). Mais detalhadamente:

¹⁴ SANTOS, Boaventura de Sousa. *As incessantes fábricas do ódio, do medo e da mentira*. Site Sul 21. Publicado em: fevereiro, 13, 2019. Disponível em: <<https://www.sul21.com.br/opiniaopublica/2019/02/as-incessantes-fabricas-do-odio-medo-e-da-mentira-por-boaventura-de-sousa-santos/>>. Acesso em: fev./2019.

¹⁵ Nas palavras de Boaventura: “a *hermenêutica diatópica baseia-se na ideia de que os topói de uma dada cultura, por mais fortes que sejam, são tão incompletos quanto a própria cultura a que pertencem. (...) O objectivo da hermenêutica diatópica não é, porém, atingir a completude – um objectivo inatingível – mas, pelo contrário, ampliar ao máximo a consciência de incompletude mútua através de um diálogo que se desenrola, por assim dizer, com um pé numa cultura e outro, noutra. Nisso reside o seu carácter diatópico*”. Vide: SANTOS, Boaventura de Sousa (org.). *Por uma concepção multicultural de direitos humanos*. Reconhecer para libertar: os caminhos do cosmopolitismo cultural. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, p. 429-461.

¹⁶ São então as estruturas de dominação econômica e ideológica que “estão a fazer de nós próprios empreendedores do medo, do ódio e da mentira”. O ódio desclassifica o adversário, “com o qual não devemos conversar, mas liquidar”. E nos diz que os inimigos mesmo “disfarçaram-se de democratas, de defensores dos direitos humanos, do Estado de direito, do acesso ao direito, da diversidade cultural, da igualdade racial e sexual. Por isso são tão perigosos. O ódio implica a recusa de discutir com os inimigos. Os inimigos eliminam-se”. O medo nos faz perder a esperança: “Trata-se de limpar do que existe tudo o que impediu o passado glorioso de se perpetuar”. A fábrica da mentira produzem-se os fatos e as ideias alternativas a tudo o que tem passado por verdade ou busca de verdade, como sejam as ideias da igualdade, da liberdade negativa (liberdade de constrangimentos) e positiva (liberdade para realizar objetivos próprios, não impostos nem telecomandados), do Estado social de direito, da violência como negação da democracia, do diálogo e reconhecimento do outro como alternativa à guerra, dos bens comuns como a água, a educação, a saúde, o meio-ambiente saudável. Esta fábrica é a mais estratégica de todas porque é aquela em que os artefatos ideológico-mentais têm de ser embalados disfarçados de não-ideológicos. A sua maior eficácia reside em não dizerem a verdade a seu respeito. Criam-se as chamadas (e bem conhecidas já) fake news, inibem a busca pela verdade na política. Finaliza: “a proliferação destas três fábricas é o motor da onda reacionária que vivemos”.

A disciplina econômica consiste na imposição de um capitalismo autorregulado), movido exclusivamente pela sua lógica de incessante acumulação e de concentração da riqueza, livre restrições políticas ou éticas, em suma, o capitalismo que antes designávamos como capitalismo selvagem.

A disciplina ideológica consiste na inculcação de uma percepção ou mentalidade colectiva dominada pela existência de perigos iminentes e imprevisíveis que atingem todos por igual e particularmente os colectivos que nos estão mais próximos, sejam eles a família, a comunidade ou a nação. Tais perigos criam um medo inabalável do estranho e do futuro, uma insegurança total perante um desconhecido avassalador. Em tais condições, não resta outra segurança senão a do regresso ao passado glorioso, o refúgio na abundância do que supostamente fomos e tivemos.

O interesse no ensinamento em apreço transparece porque, por mais uma vez, há de se constatar que a humanidade está apegada a essas duas ordens, cuja onda possui viés perverso que leva o ser humano a odiar. Tal fato é percebido quando o sociólogo conclui nesta fase de seu relato que *“ambas as disciplinas são de tal ordem autoritárias que configuram duas guerras não declaradas contra a grande maioria de população mundial, as classes populares miserabilizadas e as classes médias empobrecidas”*.

Nesse contexto, lembra-se do “Estado pós-democrático”¹⁷ analisado pelo jurista Rubens CASARA nos indica estar

¹⁷ CASARA, Rubens R. R. Estado pós-democrático: neo-obscurantismo e gestão dos indesejáveis. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017. E vide: “Pós-democracia instalou-se ‘docilmente’ no Brasil, diz jurista”. Revista CULT. Entrevista de 17/10/2017. Disponível: <https://revistacult.uol.com.br/home/rubens-casara-estado-pos-democratico/>.

Rubens Casara – O Estado pós-democrático nasce em razão das necessidades do capitalismo em seu atual estágio.(...) Em todo o mundo, em nome do crescimento do lucro e da circulação do capital, desaparecem limites éticos e jurídicos e a democracia torna-se dispensável. A desconsideração dos valores democráticos se tornou uma realidade nos países ricos e nos países pobres. (...) Os interesses das grandes corporações, dos detentores do poder econômico, não se mostram compatíveis com a concepção de democracia forjada após a Segunda Guerra Mundial. Assim, por exemplo, a razão neoliberal leva a uma nova percepção acerca dos direitos e garantias fundamentais. Antes, esses direitos eram vistos como obstáculos ao arbítrio e aos abusos de

presente e que, dentro outros acontecimentos contemporâneos, nos indica a ocorrência da ascensão de partidos conservadores, a crise migratória na Europa, a acentuação da violência de Estado, incluindo também a hostilidade a moradores de rua, esse último, tido como nítido comportamento de rechaço ao pobre. A necessidade incessante de obter lucro, intrínseca ao sistema neoliberal, retira do caminho todos os fatores que possam atrapalhar essa jornada e gera nova “gestão política dos indesejados”, culminando em afetar os direitos e garantias fundamentais e os Direitos Humanos que passaram a ser tratados como obstáculos ao desenvolvimento do mercado e à eficiência repressiva do Estado.

Com a perspicácia que lhe é peculiar e narrando acerca do sentimento de raiva difuso estadunidense, o linguista, filósofo e escritor Noam CHOMSKY (2017) tece considerações sobre a onda fervilhante de medo e ódio existente na época ‘*Trump*’, e acerca da quantidade de pessoas que apoiaram uma causa eivada de raiva, diante de um fenômeno chamado por ele de ódio generalizado. E isso partindo de *pessoas brancas*, e inclusive *da classe operária, e de integrantes da baixa classe média*.

“... se considerarmos as forças que Trump desencadeou, até porque ele não se enquadra na imagem de um verdadeiro ideólogo, ele parece ter muito pouco de uma ideologia efetivamente pensada exceto pelo eu e meus amigos.

Ele recebeu um apoio enorme de pessoas com raiva e ódio de tudo e todos. Tanto é assim que, sempre que Trump faz algum

poder, como limites intransponíveis ao surgimento de um novo Auschwitz. Agora, esses mesmos direitos e garantias, construídos como limites à barbárie, passaram a ser percebidos como óbices ao desenvolvimento do mercado e à eficiência repressiva do Estado. Os detentores do poder econômico precisam lucrar cada vez mais e o Estado precisa conter e exterminar todos aqueles que não interessam ao projeto capitalista. (...) A tradição autoritária em que se encontra lançada a sociedade brasileira, que se caracteriza pela crença no uso da força para resolver os mais variados problemas sociais somada ao medo da liberdade, e os pactos elitistas que remontam à escravidão, facilitaram a consolidação da pós-democracia. Em países que não conseguiram forjar uma verdadeira cultura democrática, como é o caso do Brasil, foi mais fácil relativizar garantias constitucionais, extinguir direitos, perseguir os indesejáveis. Aqui, a pós-democracia instaurou-se docilmente.

comentário horrível a respeito de alguém, sua popularidade aumenta. É uma popularidade assentada em sentimentos de ódio e medo. O fenômeno que estamos vendo aqui é de “ódio generalizado”. Em grande medida, por parte de pessoas brancas, da classe operária, de integrantes da baixa classe média, de pessoas que ficaram abandonadas e esquecidas durante o período do neoliberalismo. Elas atravessaram uma geração inteira de estagnação e decadência. (...)” (p. 98-99).¹⁸

Todas essas variantes levam ao caminho de estímulo à propagação da aporofobia, aliás, propiciada inclusive pelo anonimato da internet, quando o ódio daquele que não se expõe possui amplíssima dimensão. Nesse espaço, pessoas com tendências fascistas com perfil conservador, expõem o ódio ao pobre corriqueiramente. As responsáveis pelo obscurantismo atual (neoliberalismo e crescimento da extrema-direita), parecem conceder àquele que discrimina o pobre, um certo aval ou até mesmo um certo resguardo, autorizando as condutas ignóbeis e aterrorizantes por parte daquele que se acha superior. E isso, como se disse acima, percebe-se não só no Brasil, mas no âmbito mundial.

Tratando da esfera mundial, além dos casos reais referidos no preâmbulo ocorridos no Brasil, tem-se conhecimento que, por ex., na Espanha existe grande preocupação quanto ao assunto exclusão social e ao ódio ao pobre, pois constantemente são denunciadas agressões físicas e verbais contra moradores de rua.

Os dados são alarmantes, tanto que a *Fundação Rais*, entidade que luta contra a exclusão social na Espanha, declarou que “*uma em cada três pessoas nessa situação foi insultada ou recebeu tratamento vexatório, e esse tipo de notícia cada vez assume maior relevância*”. Ainda, do corpo da mesma notícia, segundo o *Instituto Nacional de Estatística*, há 23.000 moradores de rua na Espanha, e a *Fundação Rais* eleva essa cifra a 31.000, pois inclui os que nunca comparecem aos centros assistenciais.

¹⁸ CHOMSKY, Noam. *Réquiem para o sonho americano: os dez princípios de concentração de renda e poder (Parte III)*. Tradução Milton Chaves de Almeida. São Paulo: Bertran Russell, 2017.

Mais: “*um em cada cinco já foi agredido*”. Esses dados estão indicados em notícia veiculada em agosto de 2018.

Os moradores de rua levam chutes, são agredidos fisicamente com tapas e socos, as pessoas gritam os agredindo verbalmente, e os insultam os chamando de sujos, imundos, que lhes causam nojo, e usam outros adjetivos. Essa notícia referida dá conta que no ano de 2005, lá também aconteceu de “*dois jovens queimarem viva uma mulher, chamada Rosario Endrinal, que dormia num terminal de caixa eletrônico em Barcelona, e para o crime não foi possível aplicar nenhum agravante*” em face da mulher se tratar de pessoa pobre. Tanto isso que o *Ministério do Interior* espanhol inclui a o ódio contra o pobre como um dos crimes de ódio. Inclusive o partido ‘*Podemos*’ buscou incluir dito ódio como um agravante no Código Penal, a exemplo do que ocorre com outros crimes de ódio (v.g. o racismo e a islamofobia).

Por fim, ainda que de passagem, impõe-se fazer referência à *criminalização da pobreza*, fator existente desde sempre, contudo, mais potencializado com a ascensão do conservadorismo reacionário. Tal fenômeno é mais um ponto que torna inquestionável a aporofobia. Acerca da matéria, frisa-se que historicamente mantemos um Direito Penal de “classe” e, como se sabe, a referida criminalização se configura com a percepção de uma série de condutas indevidas e ações repressivas voltadas apenas a uma parcela da sociedade e praticamente “institucionalizadas” para ser enfrentada pelas pessoas pobres. Um dos pontos mais visualizados no campo da criminalização da pobreza, é a atuação “seletiva” da polícia a qual vem impregnada pelo ódio que o brasileiro tem pelos pobres e envolta à vinculação estrutural dos pobres a determinados delitos.

3 ÓDIO AO POBRE E ÓDIO POLÍTICO

O ódio ao pobre, como se apontou no resumo desse

ensaio, possui a nomenclatura de *aporofobia*. O termo foi criado em 1995¹⁹ (e foi escolhido como a palavra do ano pela *Spanish Urgent Foundation*), sendo que a criadora do termo foi a catedrática de Ética e Filosofia Política da Universidade de Valencia, Adela Cortina.

Adela Cortina publicou o livro “*Aporofobia, El Rechazo al Pobre*”, em maio de 2017, acredita que essa palavra deve ser estendida a outras línguas porque a *aporofobia*, “*é um fenômeno universal, não apenas dos países de língua espanhola*”, como se disse supra. CORTINA (2018) narra acerca da importância de colocar nomes nas coisas “*para incorporalas al mundo humano dal diálogo, la consciència y la reflexión*”²⁰.

Curioso o capítulo 2 do livro em apreço (título ‘*Discursos y delitos de odio*’) motivado pela quantidade de delitos cometidos contra os pobres, moradores de rua, e aqui atenta-se que a *aporofobia* se distingue de outros discursos de ódio, como a *xenofobia*, *misoginia*, *islamofobia*, na medida que a “*pobreza não pertence a identidade de uma pessoa e nem é questão de escolha*”. Segundo a filósofa:

“La pobreza involuntaria, sin embargo, no pertenece a la identidad de una persona, ni es cuestión de opción. Quienes la padecen pueden resignarse a ella y acabar agradeciendo cualquier pequeñísima mejora de su situación y eligiendo dentro de su marco de posibilidades como si no hubiera otro ... una situación que es preciso denunciar críticamente porque supone mantener en la miseria resignada a quienes ni siquiera tienen conciencia de ella, cuando la pobreza económica involuntaria es un mal que se padece por causas naturales o sociales, y que la altura del siglo XXI puede eliminarse.”

¹⁹ Termo “Aporofobia”, a partir del griego áporos, “pobre”, y fobéo, “espantarse”, para referirse al odio, repugnancia u hostilidad ante la persona pobre y sin recursos.

²⁰ E para tal mister, faz referência a obra de Gabriel García Marques (*Cien años de soledad*), a autora utiliza-se como parâmetro o texto em que há o relato do *el coronel Aureliano Buendía* (personagem da história de Marques), quando ele se recorda de *su padre le llevo a conocer el hielo... ele estava frente al pelóton de fusilamiento*, y “*el mundo era tan reciente, qu muchas cosas carecian de nombre, y para mencionarlhas había que señalarlas com el dedo*” (p. 17).

Llegar a esta afirmación há sido una labor de siglos, a lo largo de los cuales se fue produciendo una evolución desde entender que los pobres son culpables de su situación, responsables de ella, a comprender que existen causas naturales y sociales que una sociedad justa debe erradicar.

De onde se sigue, como intentaremos mostrar más adelante, que intentar eliminar la aporofobia económica exige educar a las personas, pero muy especialmente crear instituciones económicas y políticas empeñadas en acabar con la pobreza desde la construcción de la igualdad” (Ob. Cit., p. 42-43).

Quer a professora deixar claro que é necessário eliminar a pobreza, e não admitir o discurso de que os pobres são culpados pela situação em que vivem. Causas possuem origem em diversos fatores de ordem sociocultural. E nesse mesmo raciocínio, conclui Adela citando Amartya Sen: *“la pobreza és falta de libertad, imposibilidad de llevar a cabo los planes de vida que una persona tenga razones para valorar”*.

Busca então, a obra como um todo, explicar que a *aporofobia* é uma patologia social que existe em todo o mundo e a primeira coisa a fazer é reconhecê-la, saber o que está acontecendo e o que acontece conosco, para depois, imediatamente, tentar desativar esse fenômeno tido como absolutamente corrosivo à sociedade civil e ao Estado Democrático de Direito. Do mesmo modo, considera que este tipo de rejeição e ódio *“é o mais oposto que pode existir à democracia, aos direitos humanos e à declaração da dignidade do homem”*²¹.

E tal ódio pode ser confirmado quando se percebe o ódio político direcionado a um partido que se volta aos vulneráveis. O ódio político é evidente.

Em certa passagem da obra de BOFF (2018), ainda se percebe a assertiva sempre dita pelo teólogo de que o ódio pelo pobre estar representado e ‘corporificado’ em repulsa a um partido popular e a seus representantes.

Acerca do golpe sofrido pela Presidenta Dilma Rousseff

²¹ IN: <https://www.elcultural.com/revista/letras/Aporofobia-el-rechazo-al-pobre/39603> .

(*impeachment*), em razões subjacentes a tal conduta, o filósofo revela duas constatações do ódio:

“A primeira é o ódio que a classe dominante revela e sempre alimentou contra a população pobre e negra. (...)

Esse processo de ódio e exclusão se revelou poderosamente durante as eleições de 2014 e se prolonga até os dias atuais. (...)

Jamais entenderam (a classe dominante) o poder como expressão jurídico-política da soberania de um povo, mas como meio de dominação em função do enriquecimento. Sérgio Moro, infelizmente, forneceu o enquadramento jurídico seletivo e distorcido para dar vazão a esse ódio de classe.

A segunda razão que cabe ser ressaltada é a estratégia de reconquista por parte das oligarquias, aquele punhado de famílias de super-ricos que controla, grande parte da renda nacional e que possuem imenso poder econômico, político e midiático. Visaram sempre voltar ao lugar que ocuparam por séculos, mas que, agora com a situação histórica mudada e com a nova consciência política dos movimentos sociais e dos sindicatos, jamais chegariam por via democrática, expressa pelo voto popular. (...)

Aplicam medidas neoliberais das mais deslavadas, enxovilhando a inteligência brasileira. E o fazem com furor, apoiados que se sentem por uma justiça de exceção e pela mídia conservadora e golpista”. (BOFF, 2018, p. 103-107).

Em entrevista concedida à Folha de São Paulo, em março de 2015, o economista Luiz Carlos BRESSER-PEREIRA²², comentou que o pacto nacional-popular articulado pelos governos do PT havia desmoronado pela falta de crescimento, e a partir disso asseverou que surgiu um fenômeno novo, qual seja, o ódio político, o ‘*espírito golpista dos ricos*’. Teceu considerações no sentido de que o Brasil precisaria de um *novo pacto*, reunindo empresários, trabalhadores, setores da baixa classe média; disse

²² IN: Carta Capital. *Bresser-Pereira: o ódio dos endinheirados ao PT. “De repente, vi um ódio coletivo da classe alta, dos ricos, contra um partido e uma presidente. Não era preocupação ou medo. Era ódio”*. Entrevista concedida a Eleonora de Lucena, da Folha de São Paulo, em 01/3/2015. Disponível em: <https://www.cartamaior.com.br/?/Editoria/Politica/Bresser-Pereira-o-odio-dos-endinheirados-ao-PT/4/32972>. Acesso em: dez/2018.

que seria necessário uma “*união contra rentistas, setor financeiro e estrangeiros*”. BRESSER-PEREIRA manifestou que ‘*o ódio da burguesia ao PT decorre do fato de o governo defender os pobres*’. Nas respostas às perguntas que lhe foram feitas, a lucidez do quadro então apresentado não nos deixa dúvida sobre a existência do ódio ao partido político. O economista explica que daí surgiu um fenômeno que nunca se tinha visto no Brasil. Na continuidade, e em suas palavras:

“De repente, vi um ódio coletivo da classe alta, dos ricos, contra um partido e uma presidente. Não era preocupação ou medo. Era ódio.

Esse ódio decorreu do fato de se ter um governo, pela primeira vez, que é de centro-esquerda e que se conservou de esquerda. Fez compromissos, mas não se entregou. Continua defendendo os pobres contra os ricos. O ódio decorre do fato de que o governo revelou uma preferência forte e clara pelos trabalhadores e pelos pobres.

Não deu à classe rica, aos rentistas. (...) a luta de classes voltou com força. Não por parte dos trabalhadores, mas por parte da burguesia que está infeliz. (...)

Quando os liberais e os ricos perderam a eleição, muito anti-democraticamente não aceitaram isso e continuaram de armas em punho. De repente, voltávamos ao ‘udenismo’ e ao golpismo. Não há chance disso funcionar. (...).

A burguesia tem sido ambígua, contraditória. Em alguns momentos se uniu a trabalhadores e ao governo para uma política de desenvolvimento nacional, como com Vargas e Juscelino. Em outros, não foi nacional, como entre 1960 e 1964. Ali, a burguesia se sentiu ameaçada. No contexto da Guerra Fria e da Revolução Cubana, se uniu e viabilizou o regime militar. (...) Estamos vendo isso novamente. A burguesia voltou a se unir sob o comando liberal. Há esse clima de ódio, essa insistência de falar de impeachment. (...).”

Totalmente contrário a tudo que os movimentos sociais de direita fizeram contra o PT, o economista deixou bastante claro que a nossa máxima se confirma, quando afirma com todas as letras que ‘*o ódio decorre do fato de que o governo revelou uma preferência forte e clara pelos trabalhadores e pelos pobres*’, e sem perder a esperança, Bresser tentava acreditar,

naquela época, que aquele espírito não iria florescer, mencionando que a democracia estava consolidada e todos ganham com ela, ricos e pobres. No final, e na visão de economista, disse: “*O Brasil só se desenvolve quando tem uma estratégia nacional de desenvolvimento*”.

Não obstante, mais uma vez o filósofo Jessé Souza²³ traz discurso atual e idêntico a percepção do economista e, em suas próprias palavras, comenta que o ódio ao Lula é o ódio aos pobres, e que o ódio ao ex-escravo que a elite explora e precisa ser mantido humilhado no lugar ao qual essa elite quer que ele permaneça. Frisa que o tema da corrupção é apenas um pretexto.

Constata-se outros estudiosos indicando a grande demanda viabilizada pela internet, nas redes sociais, da guerra comandada pelos antipetistas que buscam denunciar, por trás do discurso anticorrupção, o verdadeiro interesse desse grupo: o de impedir medidas distributivas que ameaçam privilégios de classe²⁴.

Fator inequívoco de percepção do ódio ao pobre ser direcionado ao partido de esquerda é o apoio da elite e parte da classe média a Lava Jato, mesmo agora após ser desvendado o esquema judicial de caçada contra Lula. Não se adentrará no mérito sobre a ocorrência de crime, mas sim sobre os métodos utilizados na operação, eivados de irregularidades e suspeição.

Atualmente, tão bem se conhece os métodos processuais utilizados pela Operação Lava Jato que culminaram na prisão de Luiz Inácio Lula da Silva (PT), ditos por juristas como sendo nítida ‘*lawfare*’²⁵ em afronta clara aos preceitos básicos da

²³ Vide: Revista Fórum. Matéria: “Jessé Souza visita acampamento Lula Livre em Curitiba”. 12/4/2018. Disponível em: <https://revistaforum.com.br/movimentos/2018/4/12/jesse-de-souza-visita-acampamento-lula-livre-em-curitiba-28797.html>

²⁴ Antipetismo e conservadorismo no Facebook, Márcio Moretto Ribeiro. O autor faz referência ao “Mapping Brazil’s Political Polarisation Online”. IN: GALLEGOS, E. S. (org.) *O ódio como política: a reinvenção da direita no Brasil*. São Paulo: Boitempo, 2018.

²⁵ O termo provém da junção da palavra *law* (lei) e o vocábulo *warfare* (guerra), cuja tradução literal significa ‘guerra jurídica’. No contexto atual brasileiro, o termo veio

democracia como a imparcialidade do Judiciário e a garantia de direitos individuais.

No livro da juíza federal Fabiana Alves RODRIGUES, *Lava Jato: aprendizado institucional e ação estratégia na justiça*, ela não adentra no mérito dos crimes investigados e punidos pela Lava Jato, mas indica com precisão os fatos e atos processuais que indicam as artimanhas ilegais adotadas.

A ação do ex-juiz Sérgio Moro em omitir locais e fatos envolvendo os fatos investigados foi no sentido de sempre manter a competência do local de sua prestação jurisdicional. Desde a condução indevida de Lula para o interrogatório, é demonstrado que as conduções coercitivas determinadas por Moro foram inapropriadas e visavam mero constrangimento.

Além de ser do conhecimento do público as conversas entre integrantes da força-tarefa de Curitiba e o ex-juiz Sérgio Moro reveladas pelo *The Intercept*²⁶, o livro traz também os métodos usados pelo Ministério Público Federal, Polícia Federal, Receita Federal e, sobretudo, Justiça Federal para que os resultados fossem alcançados. A autora nos indica fatos determinantes da ação indevida desse grupo, incluindo a união entre o ex-juiz, os desembargadores do Tribunal Regional Federal da 4ª Região (TRF-4) e os responsáveis pela investigação (MPF e PF)

à tona por causa de atos praticados na Lava Jato que, ao arrepio da lei, tiveram o único intuito de se valer, de forma distorcida, das regras do processo penal a fim de ensejar perseguição política do inimigo. *Lawfare* pode ser compreendida como o uso tendencioso ou manipulação das leis como um instrumento de perseguição e combate a um oponente, desrespeitando os princípios legais e o sentido teleológico da lei, afrontando os direitos do indivíduo que é tido como o oponente e que se pretende eliminar. Em pesquisas do termo na internet se pode colher que a prática da *lawfare* é *planejada de forma a ter uma aparência de legalidade e, muitas vezes, essa aparência é criada com a ajuda da mídia*, e que o termo acabou se atualizando para descrever não apenas as guerras militares, mas também as “guerras” políticas. Ocorre assim, o uso do sistema jurídico como parte de uma estratégia contra adversários — ou seja, o uso das leis como uma arma política.

²⁶ Vaza Jato: como ficou conhecido o vazamento de informações do The Intercept Brasil. Disponível em: <https://theintercept.com/2019/06/09/chat-moro-deltan-telegram-lava-jato/>.

para conferir agilidade ou retardar o andamento de processos, de acordo com o que lhes era conveniente.

Aliás, o jornalista Ricardo GALHARDO²⁷ faz uma ótima análise do livro da juíza federal e nos traz uma síntese didática, indicando como ocorreu o timing das sentenças e as prisões cautelares a fim de facilitar a obtenção de delações premiadas. Menciona sobre os mecanismos foram criados para impedir a apreciação dos acordos de delação por tribunais superiores. Traz elementos a indicar que a força-tarefa usou relações interpessoais para atropelar os procedimentos legais de cooperação internacional e “tentar abocanhar R\$ 2,5 bilhões em multas pagas pela Petrobrás”. Enfim, em mais uma conduta voltada ao *lawfare*, constatou-se que réus foram ignorados ou deixados em segundo plano para que o foco se mantivesse em alvos pré-estabelecidos.

Não é à toa que a juíza, autora do livro mencionada acima, aponta "quebra de isonomia" no esquema processual. Ou seja, nítido restou que os métodos utilizados na Lava Jato não coadunam com o processo penal legal, com as normas constitucionais, e o sistema democrático, lembrando sempre do reconhecimento pela nossa Corte Maior da inquestionável imparcialidade do ex-juiz Sérgio Moro.

Inacreditável como o apoio de parcela da sociedade respaldou essas arbitrariedades e apoiou a figura do ex-juiz, incluindo manifestações na rua. A condução perversa desse processo todo contra Lula, definitivamente, não atendeu os princípios básicos que norteiam a constituição e o processo penal legal.

Após então anos de um governo preocupado com as políticas públicas sociais e concedendo melhores condições de vida aos pobres (retirando o Brasil do mapa da fome), a constatação da possibilidade da permanência desse grupo político no poder, levou a parcela da sociedade brasileira no caminho da aprovação

²⁷ GALHARDO, Ricardo. Obra aborda as perdas e os ganhos da Lava Jato. Terra. 20 dez 2020. Disponível em: <https://www.terra.com.br/noticias/brasil/politica/obra-aborda-as-perdas-e-os-ganhos-da-lava-jato,8f8cca406b1ea3c6d575fe353d383935h13vn41h.html> .

(custe o que custar) de um falso processo de moralização da política e mirou contra um partido político (ou seu representante maior) que representa justamente a grande parte da população vulnerável: os pobres.

Nas raízes do colonialismo, da escravidão e do governo ditatorial, na seara da manutenção dos privilégios e envolto no desprezo aos pobres, muitos brasileiros não demonstraram qualquer preocupação com o destino da sociedade e do país, e preferiram dar voz a seus ódios. Externaram ódio político proveniente do ódio ao pobre sempre presente na nossa cultura. A intensidade e gravidade dessa constatação toma dimensão assustadora quando se percebe que muitos sequer se preocuparam com a conduta criminoso e imoral do ex-juiz de retirar um candidato do processo eleitoral, e após, deixar a magistratura para ser Ministro de Estado do outro candidato que assumiu o cargo de Presidente.

Nesse passo de ideias, o contexto dos acontecimentos não deixa dúvida de uma atuação inserida na aporofobia e muitos cidadãos aprovaram toda movimentação perversa, e não era bem contra a corrupção que se insurgiram.

Grupo de juristas pela democracia demonstrou o impacto desses acontecimentos provenientes da Lava Jato no cenário político brasileiro, descrevendo acerca da ocorrência da instrumentalização do processo penal e perseguição política do inimigo tida como sendo a chamada *lawfare*²⁸ dentro do contexto da guerra híbrida²⁹.

²⁸ RIBEIRO, Ricardo Lodi. *Lawfare e a crise da democracia no Brasil*. Vol. II, p. 507-521. IN: *Lawfare e América Latina: a guerra jurídica no contexto da guerra híbrida*. Homenagem a Carol Proner. Larissa Ramina (org). – VOLUMES I, II e III. Coleção Mulheres no Direito Internacional. Curitiba: Editora Íthala, 2022.

²⁹ Segundo HDIEFA, Amr; PASSOS, André; e FRIEDRICH, Tatyana Scheila: o conceito de guerra híbrida é bastante amplo, conjugando diversas dimensões de conteúdo e de prática. Trata-se de um instrumento de ação realizado com mais intensidade no século XXI, que vai além do conceito de conflito armado militar pois abarca manobras de diplomacia estratégica; guerra cibernética; utilização de redes digitais, inclusive lançando mão de *fakenews*; intervenção externa ou interna nas eleições dos países; a

Analisada sobre vários enfoques, a *lawfare* foi colocada como responsável de uma crise democrática no nosso país em vários artigos jurídicos e, na matéria do professor Ricardo Lodi RIBEIRO há a constatação de que o quadro da Laja Jato nessa perseguição ao político Lula afrontou o Estado Democrático de Direito posto que vinculado à consagração de princípios constitucionais como o do devido processo legal, da presunção de inocência e do juiz natural, que foram deixados em segundo plano em nome de um “combate à corrupção” conduzido de modo seletivo e politicamente visado, produzindo resultados bastante danosos à trajetória da própria democracia no Brasil (RIBEIRO, 2022, p. 515).

Não é necessário grande esforço para se concluir o quão a aporofobia pode influenciar no processo democrático brasileiro, não se olvidando que as ações contra os pobres indicam o impacto na democracia de um país.

A constatação é a de que esse ódio todo ao pobre no Brasil é direcionado ao desprezo raivoso a um partido político que prioriza a causa dos menos favorecidos. Constatado o inequívoco ódio político, tem-se como certa a origem desse sentimento brasileiro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sobre a classe média brasileira, em geral, sempre se observou distância e falta de preocupação pelas causas e problemas sociais. Sabe-se, igualmente, o quão não é verdadeira a

manipulação de grandes manifestações da população nas ruas; ingerências nos poderes locais, geralmente impulsionando redirecionamentos nas ações executivas, alterações legislativas significativas e influências profundas no poder judiciário. Vide: A GUERRA HÍBRIDA NOS PAÍSES INSURGENTES. OU O NOVO VOO DO CONDOR, AGORA MASCARADO DE ESTADO DEMOCRÁTICO DE DIREITO. Vol. I, p. 279-283. IN: *Lawfare e América Latina: a guerra jurídica no contexto da guerra híbrida*. Homenagem a Carol Proner. Larissa Ramina (org). – VOLUMES I, II e III. Coleção Mulheres no Direito Internacional. Curitiba: Editora Íthala, 2022.

afirmação de que o brasileiro é um povo acolhedor e solidário³⁰.

O quadro atual visto no Brasil, dá conta de um ódio generalizado, constante e sem vergonha de ser visto. O ódio aos pobres, negros, nordestinos, mulheres e homossexuais tem se identificado na aversão ao PT e na exaltação dos valores defendidos pela extrema-direita, cujos personagens estão sendo aclamados por divulgar justamente esse “ódio” e outras manifestações de cunho fascista e, cujo maior inimigo é o partido que defende a classe pobre. A classe média, abordada pelas fábricas do ódio, do medo e da mentira, e extremamente nítido que falta de conhecimento geral (ignorância), marcada com distorções de valores (pois agrega características fascistas), adere a qualquer conduta que leve a derrocada do partido do povo, e, pois, do pobre. O medo todo é de uma ascensão do povo ao poder, sempre lembrando que a acusação de corrupção ao PT não restou isolada, porque outros partidos foram também acusados de corrupção ainda em nível maior daquela atribuída ao PT, mas o ódio mesmo restou direcionado apenas ao PT em face da tomada de poder. Aliás, foi o PT o único que implementou políticas sociais marcantes, e somente durante seu governo é que o Brasil, em 2014, saiu do mapa da fome perante a ONU.

Os estudiosos Adela Cortina, Boaventura de Souza Santos, Leonardo Boff, Jessé Souza entre outros, dão contam acerca do incômodo que os pobres causam na sociedade, não se olvidando que estudiosos e filósofos nos apresentam soluções dentro

³⁰ Leonardo Boff nos esclarece acerca do assunto, em face de tal constatação ter sido referida por Sérgio Buarque de Holanda, veja-se: *Dizer que o brasileiro é um “homem cordial” vem do escritor Ribeiro Couto, expressão generalizada por Sérgio Buarque de Holanda em seu conhecido livro: “Raízes do Brasil” de 1936 que lhe dedica o inteiro capítulo V. Mas esclarece, contrariando Cassiano Ricardo que entendia a “cordialidade” como bondade e a polidez, que “nossa forma ordinária de convívio social é no fundo, justamente o contrário da polidez”. Sergio Buarque assume a cordialidade no sentido estritamente etimológico: vem de coração. O brasileiro se orienta muito mais pelo coração do que pela razão. Do coração podem provir o amor e o ódio. Bem diz o autor: “a inimizade bem pode ser tão cordial como a amizade, visto que uma e outra nascem do coração”.* DISPONÍVEL EM: <https://www.geledes.org.br/quao-cordial-e-o-povo-brasileiro/>.

de um contexto voltado à democracia realista. Muita coisa pode ser feita.

Nesse passo, existe no Brasil e no mundo esse profundo desprezo pelo pobre, e no Brasil isso reflete de forma contundente no maior partido popular brasileiro que já esteve no poder.

Tal classe média que não tem noção de quão é prejudicial manter essa conduta perversa, envolta no manto da ignorância, e prejudicando indiretamente a si mesma. Uma classe média que se diz humanitária, cordial, cristã, evangélica, e adere a valores fascistas, não sabe o prejuízo que isso causa à sociedade com um todo.

Enfim, grande parte da população brasileira que aqui se denomina como integrantes da classe média, liberaram o ódio introjetado e estrutural trazido por questões históricas e culturais, incutido no imaginário e psique da sociedade, e o direcionou a um partido político e a seus integrantes quando tomaram o poder e obtiveram sucesso na elevação da qualidade de vida dos pobres (v.g. trabalhadores). Diante de novas vitórias do partido popular, emergiu o *espírito golpista dessa classe e dos ricos*.

Ódio transbordou, e quem sabe, essa classe sequer percebeu que tal ódio possui a mesma origem daquele sentimento que lhe induz a não conceber um convívio, por ex., com pobres e negros nos aeroportos ou restaurantes ‘mais chiques’ ou ainda aceitar que as classes menos abastadas frequentem as faculdades e universidades. Num misto de atitudes perversas e sensações persecutórias, o ódio ao pobre e ao PT está aí, de braços dados com quadro atual (de ascensão do conservadorismo reacionário e fascista).

Mas a esperança sobrevive sempre, pois soluções são apontadas pelos estudiosos, e quiçá, chegará o dia que índios e crianças não serão mortos por estar dormindo nas ruas; favelas e comunidades poderão conceder uma vida tranquila aos seus moradores; e os jatos d’aguas serão lançados apenas para limpeza das ruas ou para alegrar um grupo de crianças qualquer,

seja pobre ou seja rico, num dia quente de verão.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOFF, Leonardo. *Brasil: concluir a refundação ou prolongar a dependência?* Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.

_____. *A discriminação dos afrodescendentes continua*. Site pessoal de Leonardo Boff. Matéria de 22/01/2019. Disponível em: <https://leonardoboff.wordpress.com/>.

_____. *A intolerância no Brasil atual e no mundo*. Site pessoal de Leonardo Boff. Matéria de 22/01/2015. Disponível em: <https://leonardoboff.wordpress.com/>.

_____. *O que se esconde por trás do ódio ao PT (II)?* Site pessoal de Leonardo Boff. Matéria de 07/03/2015. Disponível em: <https://leonardoboff.wordpress.com/>.

BRESSER-PEREIRA, Luiz Carlos. Bresser-Pereira: o ódio dos endinheirados ao PT. *"De repente, vi um ódio coletivo da classe alta, dos ricos, contra um partido e uma presidente. Não era preocupação ou medo. Era ódio"*. Site Carta Maior. Entrevista concedida a Eleonora de Lucena, da Folha de São Paulo, em 01/3/2015. Disponível em: <https://www.cartamaior.com.br/?/Editoria/Politica/Bresser-Pereira-o-odio-dos-endinheirados-ao-PT/4/32972>. Acesso em: dez/2018.

CASARA, Rubens R. R. *Estado pós-democrático: neo-obscurantismo e gestão dos indesejáveis*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

_____. "Pós-democracia instalou-se 'docilmente' no Brasil, diz jurista". *Revista CULT*. Entrevista de 17/10/2017. Disponível: <https://revistacult.uol.com.br/home/rubens-casara-estado-pos-democratico/>.

- CORTINA, Adela. *Aporofobia, el rechazo al pobre: Un desafío para la democracia*. Barcelona: Ediciones Paidós, 2018.
- _____. *Neuroética y Neuropolítica*. Sugerencias para la educación moral. Madrid: Tecnos, 2011.
- CHOMSKY, Noam. *Réquiem para o sonho americano: os dez princípios de concentração de renda e poder (Parte III)*. Tradução Milton Chaves de Almeida. São Paulo: Bertran Russell, 2017.
- GALLEGO, E. S. (org.). *O ódio como política: a reinvenção da direita no Brasil*. São Paulo: Boitempo, 2018.
- RAMINA, Larissa (org.). *Lawfare e América Latina: a guerra jurídica no contexto da guerra híbrida*. Homenagem a Carol Proner. Volumes I, II e III. Coleção Mulheres no Direito Internacional. Curitiba: Editora Íthala, 2022.
- RIBEIRO, Darcy. *O Povo Brasileiro. A Formação e o Sentido do Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Global, 2015.
- RODRIGUES, Fabiana Alves. *Lava Jato: aprendizado institucional e ação estratégica na Justiça*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2020.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. *Por uma concepção multicultural de direitos humanos*. Reconhecer para libertar: os caminhos do cosmopolitismo cultural. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003
- _____. *As incessantes fábricas do ódio, do medo e da mentira*. Site Sul 21. Publicado em: fevereiro, 13, 2019. Disponível em: <https://www.sul21.com.br/opiniaopublica/2019/02/as-incessantes-fabricas-do-odio-do-medo-e-da-mentira-por-boaventura-de-sousa-santos/>. Acesso em: fev./2019.
- SOUZA, Jessé. *A tolice da inteligência brasileira: ou como o país de deixa manipular pela elite*. São Paulo: LeYa, 2015.
- _____. *A classe média no espelho*. São Paulo: Estação Brasil. 2018.

- _____. *A elite do atraso*. São Paulo: Estação Brasil. 2019.
- _____. *Como o racismo criou o Brasil*. São Paulo: Estação Brasil. 2021.
- _____. *A doença do Brasil é o ódio de classe*. ISTOÉ. Edição 17/8/2018, nº 2539. Disponível em: <https://istoe.com.br/a-doenca-do-brasil-e-o-odio-de-classe/>.

REFERÊNCIAS DA INTERNET

- EL CULTURAL. *Aporofobia, el rechazo al pobre*. Disponível em: <https://www.elcultural.com/revista/letras/Aporofobia-el-rechazo-al-pobre/39603>. Acesso em: jan/2019.
- FOLHA DE SÃO PAULO E UOL. *Morador de rua é alvo de jato d'água*. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2018/03/morador-de-rua-e-alvo-de-jao-dagua-em-limpeza-da-prefeitura-na-cracolandia.shtml>. Acesso em: dez/2018.
- MEMORIAL DA DEMOCRACIA. *Com fogo, jovens matam índio Galdino*. (20/4/1997). Disponível em: <http://memorialdademocracia.com.br/card/com-fogo-jovens-matam-indio-galdino>. Acesso em dez/2018.
- O CARCARÁ. *Metrô de Higienópolis - Pessoas diferenciadas*. Da Agência Brasil. 14/5/2011. Disponível em: <https://www.ocarcara.com/2011/05/metro-de-higienopolis-pessoas.html>. Acesso em dez./2018.
- O DIA. *Jato d'água em morador de rua*. Disponível em: https://odia.ig.com.br/_conteudo/brasil/2017-07-19/jato-dagua-acorda-morador-de-rua-em-sp.html. Acesso em: dez/2018.
- OPINIÃO & NOTÍCIA. *Chacina da Candelária: o massacre de meninos de rua*. (23/6/2018). Disponível em: <http://opiniaoenoticia.com.br/brasil/chacina-da-candelaria-o-massacre-de-meninos-de-rua/>. Acesso em: dez/2018.
- Revista Fórum. Matéria: “*Jessé Souza visita acampamento Lula*”

Livre em Curitiba". 12/4/2018. Disponível em: <https://revistaforum.com.br/movimentos/2018/4/12/jesse-de-souza-visita-acampamento-lula-livre-em-curitiba-28797.html> .

TERRA. *Obra aborda as perdas e os ganhos da Lava Jato*. Matéria de Ricardo Galhardo. 20 dez 2020. Disponível em: <https://www.terra.com.br/noticias/brasil/politica/obra-aborda-as-perdas-e-os-ganhos-da-lava-jato,8f8cca406b1ea3c6d575fe353d383935h13vn41h.html> .